



Eduardo Lacerda¹

CONDICIONADOR

Agora

que meus cabelos

cresceram

(e parecem femininos)

tenho menos

medo

que pareça

desespero

minhas duas mãos cravadas

no centro

de minha

cabeça:

agora que meus cabelos cresceram

(e constantemente cobrem meus olhos)

penso

que parece o tempo

o tempo todo

que estou negando

algo

(assim, quando os balanço,

para o

lado).

Mas também

que afirmo

(como um cisco

para um alimento)

quando

insisto

(reticente) em

ir com eles

para trás e

para frente.

E,

embora,

agora que meus cabelos

cresceram

e esses gestos

(e minhas mãos ali no centro)

não

pareçam

desesperos

*(muitos
pensam até
que parece
um carinho).*

Carinho, carinho, carinho, carinho

ninho:

de coceiras

Consolação, inverno: 15h20

– A voz é uma vontade
do corpo (assim como
o sexo, como a fome) –

E não, nenhum homem
não dirá – à saída do
metrô: não tenho nome.

Haverá algo: entrada,
mas ainda saída (via
dupla de grito ou eco

de palavra que se vai
engolindo). Algo ainda
: uma fala clara, pedido.

/ Sambando sobre
(sob) o lixo,
que música ouvirá
em seu fone

este mendigo?

Aprenderemos

que o grito
é toda a indiferença

que se aprende
a tocar o
outro
de ouvido? /

Não do pesadelo, não é do pesadelo

Não do pesadelo
(perfeito recreio - e elo -
entre o desespero
e a memória)

Mas
do sonho, corpo
morto
ao
acordar.

Meu medo
é do sonho.

Os sonhos são o fim da história.

Sonhos são sonhos,

/ fruto pobre

que se descobre

somente

quando se morde. /

O medo, o medo

nunca é
do pesadelo.
O pesadelo, ele
é sempre
completo,
Acordemos.

*/ Os sonhos
exigem sempre
olhos
abertos /*

Acordemos.
O sonho
exige sempre
olhos
abertos.
Acordemos.

Remela

como
medem
um
homem

mediocre?

: basta

um cristal

ocre

que venha

e o

toque

(orvalho
da noite)

nos olhos.

Lágrima

que

cicatrizou.

A última Ceia

Há regras à mesa
como em um brinquedo
de quebra-cabeça.

/ E eu não entendo
os dispostos à esquerda

dos pais.

Restos do pequeno
que sentavam ao meio

da mesa (como prato
que se enche
e procura lugar entre
as pessoas). /

Já não me encaixo
depois que aprendi

a olhar de lado
e sair por baixo.

Aceno

Como
um equipamento
que

funciona, mas
apresenta

defeito,

em
algum momento

escolhi como gesto

algo entre
a dúvida
e o excesso.

/ se me dou meio abraço,

(pois é isso o que faço:
passo meu braço direito
pelo meu peito

e toco meu ombro
esquerdo.)

o meu reflexo,
quando me toco,
e me chamo

é olhar para o outro lado. /

E se me ignoro, quando me chamo,

(quando toco meu ombro)

como a um aparelho
para que
pegue

no tranco,

eu me soco

para que aceite

o meu afago.

Não funciona.

Dar de ombros é

o meu aceno.

¹ **Eduardo LACERDA** é poeta, produtor cultural e editor. Cursou Letras na USP - Universidade de São Paulo, com habilitação em Português e Linguística. Criou e coeditou a *Revista Metamorfose* (2002-2004) e o *Jornal O Casulo* (2005-2010). Atualmente é editor da Editora Patuá - www.editorapatua.com.br. Trabalhou como produtor cultural na *Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura* e também no *Programa São Paulo: um Estado de Leitores*, desenvolvendo projetos de estímulo à leitura. Tem poemas publicados em diversos periódicos. É autor do livro de poemas *Outro dia de folia* (Patuá, 2012) - o qual teve apoio do ProAC - Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo. Atualmente trabalha no romance *Três da madrugada* e em seu novo livro de poemas *Se não há corpo, não há crime*.
Email: editorapatua@gmail.com

Recebido: 30.11.2013
Aprovado: 05.12.2013